

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
CAMPUS DE NATAL  
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

**SÉRGIO XAVIER DA SILVA**

**COM OU SEM EMOÇÃO: UMA ANÁLISE DA SEGURANÇA DO  
TURISTA NA ATIVIDADE DO BUGGY-TURISMO NAS DUNAS DE  
GENIPABU**

**NATAL/RN  
2019**

**COM OU SEM EMOÇÃO: A SEGURANÇA DO TURISTA NA  
ATIVIDADE DO BUGGY-TURISMO, NAS DUNAS DE GENIPABU**

Monografia elaborada como pré-requisito para obtenção de nota da disciplina de Seminário de Monografia II do curso de Turismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

**ORIENTADOR: Profa. Dr<sup>a</sup>  
Rouseane da Silva Paula Queiroz.**

**NATAL/RN**

**2019**

**Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S586c Silva, Sérgio Xavier da  
Com ou sem emoção: uma análise da segurança do turista na atividade de buggy-turismo nas dunas de Genipabu. / Sérgio Xavier da Silva. - Natal, 2019.  
52p.

Orientador(a): Profa. Dra. Rouseane da Silva Paula Queiroz.

Monografia (Graduação em Turismo). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Buggy. 2. Turismo. 3. Segurança. 4. Atividade. I. Queiroz, Rouseane da Silva Paula. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

**SÉRGIO XAVIER DA SILVA**

**COM OU SEM EMOÇÃO: ANÁLISE DA SEGURANÇA DO TURISTA NA  
ATIVIDADE DO BUGGY-TURISMO NAS DUNAS DE GENIPABU**

Monografia elaborada como pré-requisito para obtenção de nota da disciplina de Seminário de Monografia II do curso de Turismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Rouseane da Silva Paula Queiroz - Orientadora  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

---

Profa. MSc. Michelle Yumi Felipe Okino – Examinadora Interna  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

---

Prof. Dr. João Batista de Freitas – Examinador Interno  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Dedico este escrito aos meus pais, em especial ao meu amado Pai que hoje já sem consciência, sofre como as sequelas do Alzheimer, e a todos que direta e indiretamente se dedicam diariamente a cuidar dele Deus tem sempre um lugar especial para aqueles que se dedicam em amparar o próximo, muito obrigado!

## AGRADECIMENTOS

O trabalho de conclusão de curso aqui descrito objetiva-se a contribuir com a discussão sobre a segurança do turista não só pelo simples fato de ser um trabalho acadêmico que na sua essência é relevante, mas também para contribuir em uma reflexão mais holística sobre vidas; o tema segurança sempre me fascinou, seja ele de qualquer espécie, em especial quando se trata de preservação de vidas, o bem mais precioso que temos nesse plano, tesouro de valor incalculável.

Creio que alguns vieram para serem ovelhas, outros para serem lobos, acredito que vim para ser cão pastor, em um incansável estado de alerta, zelando pelo rebanho, pelo bem comum, sem nada em troca, apenas pelo prazer de servir, sina que vem no DNA do ser, algo inexplicável com palavras, apenas com ações e de preferência cobertas pelo anonimato, anonimato este que não será mantido de pessoas que tenho para agradecer e que me deram a oportunidade e a honra de participar um pouco de minha vida durante essa pequena jornada acadêmica, e que de forma direta ou indireta sempre colaboraram para termos um ambiente funcionando limpo, organizado e seguro, o corpo técnico, desde a direção do campus, secretária, biblioteca, educa e também nossos motoristas que nos conduziram em viagens de campo com todo zelo, meus colegas de curso, jovens promissores, sempre dispostos á ajuda mutua, meus amigos e familiares que sempre acreditaram que não seria fácil, mas não impossível.

Aos Especialistas, Mestres e Doutores que ao longo do caminho ajudaram a organizar nossos pensamentos em gavetinhas na caixa craniana, desde o primeiro período até o final dessa jornada, pessoas transformadoras de vidas, em especial minha orientadora Professora Doutora Rouseane Paula Queiroz, a quem passei a admirar pela sua paciência, firmeza e fé ao longo desses meses, minha gratidão a TODOS que fazem parte da UERN! Minha família, meu maior patrimônio, tesouro de Deus aqui na terra, e por fim, a DEUS minha fonte inesgotável de Amor, paz, sabedoria e força, que me mantém firme diante de todas as adversidades da vida.

*“O Turismo é uma universidade em que o aluno nunca se gradua, é um templo onde o suplicante cultua, mas nunca vislumbra a imagem de veneração, é uma viagem com destino sempre à frente, mas jamais atingido. Haverá sempre discípulos, sempre contempladores, sempre errantes aventureiros.”*  
(Lord Curzon)

## RESUMO\*

O objetivo principal deste trabalho abordou a temática da segurança do turista, a partir do olhar dos especialistas, na atividade buggy-turismo, nosso olhar investigativo restringiu-se às Dunas de Genipabu. Discutimos ainda aspectos da legislação que existem, mas são desconsiderados pelos órgãos fiscalizadores, pelos profissionais e pelos próprios consumidores deste tipo de lazer: os turistas. Observamos que existem poucas discussões no campo acadêmico sobre a temática da segurança no Turismo. (Metodologia) No que diz respeito a coleta de dados realizamos entrevistas semiestruturadas com um profissional responsável pela formação desses condutores e com um empresário que atua no ramo da criação e fabricação desses veículos especiais. As falas dos sujeitos foram analisadas à luz da análise de conteúdo (Bardin, 2010) e as conclusões foram que a segurança é fundamental em qualquer segmento, de maneira que se faz urgente necessário pensar em programas de prevenção. Outro aspecto identificado é que os profissionais envolvidos nessa atividade carecem de formação em consonância com a legislação vigente. Neste sentido, a sociedade civil adiantou-se na organização de grupos que orientam turistas quanto à prevenção de acidente, além de familiares vítimas de infortúnios envolvendo a atividade turística. Por fim, consideramos que a investigação realizou uma valiosa reflexão sobre essa atividade tão importante e fundamental para muitas famílias que lidam com o turismo, de forma direta ou indireta, no Estado do RN, em específico na praia de Genipabu.

**Palavras chave:** buggy, turismo, segurança, atividade.

\*Resumo da monografia Com ou sem Emoção: uma análise da segurança do turista da atividade de Buggy-turismo nas dunas de Genipabu. Defendida em outubro de 2019 no Curso de Turismo da UERN.

## **ABSTRACT**

This paper addresses the safety of tourists from a point of view of experts in the buggy-tourism activity. Our search was restricted to the Genipabu Dunes. We also discuss aspects of the legislation of this activity that are often ignored by inspection agencies, professionals and even by tourists themselves. We observed that there are few discussions in the academic field on the theme of tourism safety. The data collection was performed through semi-structured interviews with a professional responsible for training the buggy drivers and a businessman who works in the vehicle creation and manufacturing business. The subject responses were analyzed in the light of content analysis and the conclusions were that safety is fundamental in any segment, so it is necessary to think about prevention programs. Another aspect identified is that the professionals involved in this activity need training that is in accordance with current legislation. In this sense, civil society together with relatives of victims of accidents involving buggy-tourism had the initiative to organize groups that advise tourists on accident prevention. Finally, we consider that the research has made a valuable reflection about this so important and fundamental activity for many families that deal with tourism directly or indirectly in Rio Grande do Norte state, specifically in the Genipabu beach.

**KEYWORDS:** Buggy. Tourism. Safety. Activity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Recomendações da OSCIP .....	18
Figura 2 – Recomendações da ONG .....	18
Figura 3 – Insegurança no transporte turístico .....	23
IMAGEM 1 - Formação prática do treinamento de condução de veículo 4x4 em área de dunas, manobra em areia solta .....	19
IMAGEM 2 - Formação prática do treinamento de resgate com veículo 4x4 em área de dunas.....	20
IMAGEM 3 - Turma do treinamento de condução de veículo 4x4 em área de dunas .....	20

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABLA -	Associação Brasileira de Locadoras de Automóveis
APCBA -	Associação de Proprietários e Condutores de Buggy de Aluguel
CLT -	Confederação das Leis Trabalhistas
CTB -	Código de Trânsito Brasileiro
CGSEG -	Coordenadoria-Geral de Segurança Turística
DENATRAN -	Departamento Nacional de Trânsito
DETRAN-RN -	Departamento Estadual de Trânsito do Rio Grande do Norte
MTur -	Ministério do Turismo
NBR -	Norma Brasileira de Regulamentação
OSCIP -	Organização Social de Interesse Público
OFF- ROAD -	Fora de Estrada
SAMU -	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SETUR -	Secretaria de Estado de Turismo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
1.1. JUSTIFICATIVA.....	14
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	14
2.1TURISMO.....	14
2.2. LEGISLAÇÃO.....	14
2.3. O TRANSPORTE TURÍSTICO.....	21
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	24
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	26
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	34
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	35
APÊNDICE A - ENTREVISTA COM FABRICANTE.....	36
APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O EMPRESÁRIO.....	43
ANEXOS.....	49

## 1 INTRODUÇÃO

O Buggy é um tipo de veículo automotor, de pequeno porte, a maioria dos modelos não apresentam portas e nem cobertura. É um meio de transporte muito comum na região nordeste do Brasil, e principalmente utilizado para fins recreativos, como por exemplo, na atividade turística em terrenos pouco usuais, tais como dunas, falésias e areia. Devido ao seu forte apelo para o turismo, tornou-se uma grande atração para os turistas que chegam para visitar as maravilhosas praias do nordeste, que por apresentarem excelentes parques de dunas, originou os famosos passeios pelas elevações de areia.

A utilidade do uso do Buggy no Brasil se deu a partir das experiências de brasileiros nos Estados Unidos, onde trouxeram na “bagagem” a carroceria do precursor dos primeiros modelos do veículo. Bruce Meyers foi um militar da Marinha americana que depois de voltar da segunda guerra resolve se aventurar a construir estruturas de banheiras, barcos, e uma delas foi o do Buggy. Com isso, os brasileiros ficaram curiosos, e então decidiram trazer a ideia para o Brasil, oportunizando a surgir os primeiros fabricantes de Buggy do país.

Na década de 1970 e 1980 foi o grande aparecimento de fábricas desse tipo de veículo, devido a inexistências de alternativas importadas, com o grande aproveitamento das empresas que surgiram com os modelos de Buggy no Brasil, surgiram muitas fabricantes, infelizmente muitas delas não resistiram à forte concorrência do mercado e acabaram encerrando suas atividades. Algumas conseguiram resistir ao mercado e ainda continuam em atividade apesar das dificuldades, como a Selvagem no Rio Grande do Norte e a Fyber no Ceará.

Com o passar dos anos a estrutura do Buggy foi se modernizando, onde antes eram fabricados a partir de chassi de fusca, foram ganhando próprios materiais e componentes, para dar lugar a um visual mais moderno, no qual possibilitou seu uso nas dunas das praias como hoje é popularizado.

No litoral brasileiro, localidade onde possuem dunas propícias para os passeios de Buggy, é onde se encontram as melhores praias para a devida atração desejada pelos turistas. No Estado do Rio Grande do Norte, especialmente na praia

de Genipabu, distante a 20 km da capital do estado, Natal, localizada no município de Extremoz, se encontra as internacionalmente conhecidas dunas moveis de Genipabu. O RN é um estado situado no Nordeste brasileiro com clima tropical e muitas praias atraindo turistas de todas as partes do mundo, dispondo de 450 km de litoral. A segurança do turista, assim compreendemos, é de suma importância para manter o desenvolvimento local e o crescimento do Estado. Denomina-se turista à pessoa que se desloca para fora de seu local de residência permanente por mais de 24 horas, pernoita, por motivo outro que o de não fixar residência ou exercer atividade remunerada, realizando gastos de qualquer espécie com renda recebida fora da região visitada.<sup>1</sup>

O passeio nas famosas dunas de Genipabu, tradicionalmente conhecido por *ser com ou sem emoção*, tem em média a duração de 1h e 30 minutos, podendo variar, pois durante o percurso tem as paradas para registrar a aventura nos pontos em que é possível ter a visão panorâmica da lagoa de Genipabu, pertencente ao município de Extremoz, da praia de Santa Rita. A fim de garantir seriedade e qualidade ao serviço oferecido foi criada a Associação de Proprietários e Condutores de Buggy de Aluguel - APCBA e um sindicato, no qual os profissionais são regulamentados e cadastrados para executarem o serviço de forma legalizada.

Portanto, os passeios de Buggy são uma marca registrada do turismo do Rio Grande do Norte, bem como se apresentam como um tradicional equipamento turístico. É um serviço que atrai muitos turistas durante o ano todo, contudo merece ser maior cuidado.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a segurança no passeios de Buggy, nas dunas Genipabu. Como objetivos específicos a pesquisa tem como intenção observar o cumprimento da legislação quanto às normas gerais de circulação e condutas vigentes, quanto ao uso de equipamentos e demais exigências do CTB (Código de Trânsito Brasileiro) e analisar as normas de segurança específicas sobre a atividade de Buggy Turismo no Estado. Como problema identificado temos os passeios de Buggy principalmente no litoral do Rio Grande do Norte são um dos

---

<sup>1</sup> Manual para o Desenvolvimento e a Integração de Atividades Turísticas com Foco na Produção Associada (MTur, 2011). [http://www.turismo.gov.br/images/pdf/Publica%C3%A7%C3%B5es/Glossario\\_do\\_Turismo\\_-\\_1%C2%AA\\_%20edi%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://www.turismo.gov.br/images/pdf/Publica%C3%A7%C3%B5es/Glossario_do_Turismo_-_1%C2%AA_%20edi%C3%A7%C3%A3o.pdf)

principais atrativos do Estado. Por ser uma atividade rentável, pouco se aborda a temática da segurança, portanto, cabe perguntar: Qual o nível de segurança dos passeios de buggy nas dunas de Genipabu oferecido para os turistas, a partir do olhar dos especialistas?

### 1.1. JUSTIFICATIVA

O interesse pelo tema surgiu quando na condição de instrutor, fomos convidados, por meio do mentor e incentivador na área de trânsito, a ministrar um treinamento de condução de veículos 4x4 em região de dunas, para uma equipe de condutores de veículo de emergência. Esse curso foi ministrado nas dependências de uma unidade do SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) na cidade de Macaíba- RN, para o SAMU Metropolitano. Este convite surgiu da parte de João Machado, outro grande amigo que trabalhava naquela unidade e conhecia nosso trabalho e experiências na área de *Off Road*.

O treinamento consistia em duas etapas: *a primeira etapa* iniciou pela manhã com teorias de condução para que eles, os condutores, se familiarizassem com o veículo e esclarecimento sobre características de comportamento do veículo naquele tipo de terreno. (fotos 1, 2).

Em 30 de abril de 2012 foi publicada a Lei 12.619, que dispõe sobre o exercício da profissão de motorista e altera a CLT, (Confederação das Leis Trabalhistas), e criou também o capítulo III- A, no CTB (Código de Trânsito Brasileiro). Assim, o Código de Trânsito Brasileiro que tinha, originalmente, vinte capítulos, agora conta com vinte e dois, pois foi acrescentado também o Cap. XIII-A a o código, trazendo assim uma maior responsabilidade para os profissionais.

Passamos então a observar melhor o termo “sem emoção ou com emoção” termo esse que é bastante proferido pelos condutores de buggy e que se caracteriza por manobras radicais que o CTB (Código de Trânsito Brasileiro) classifica como direção perigosa e percebendo que poucos turistas utilizavam os equipamentos de uso obrigatório e na sua grande maioria posicionam-se de forma inadequada sobre o veículo, não fazendo o uso correto do assento, em detrimento da sensação de liberdade que o veículo aberto proporciona, ou por alterações na estrutura dos

veículos, alterando o centro de gravidade e aumentando em muito os riscos de fatalidades diante de um acidente, os terrenos que esses veículos circulam são irregulares com aclives, declives, curvas, depressões, causando solavancos todos de formas muito acentuadas.

Segundo Dias (2014) o transporte recreativo é um segmento do transporte turístico especializado que, de acordo com uma regulamentação específica, motiva o deslocamento do passageiro, objetivando a diversão, o entretenimento, muitas vezes sendo o próprio atrativo do lugar. Pode ainda, segundo a autora, envolver distintos modais combinados ou de forma separada e ocorre no espaço receptivo propriamente dito. Uma vez que o turista chega ao destino, o transporte recreativo é oferecido como opção de deslocamento associado à recreação para curtas distâncias, ao longo dos quais o visitante pode conhecer o local visitado e, ao mesmo tempo, divertir-se.

O transporte recreativo envolve esforços e riscos controláveis, que podem variar de intensidade dependendo da atividade e disposição dos turistas. Variam em vários aspectos nos lugares onde são utilizados, tendo em vista que necessitam de procedimentos de segurança, uso de equipamentos adequados e habilidades exigidas em relação aos riscos entre condutor e turista. Esse tipo de serviço deve ser monitorado, supervisionado e fiscalizado por órgãos competentes, seguindo as normas e os regulamentos para a segurança de todos os envolvidos. São muitos os riscos que estão expostos os turistas neste tipo de atividade da nossa pesquisa, a saber: capotamento, choque com equipamento, colisão, tombamento, essa é a classificação de acordo com a NBR10697/89.

Muitas vezes, os passeios realizados de forma recreativa constituem-se no principal atrativo do lugar, com isso requerendo a máxima atenção por parte de quem efetua, regulamenta e fiscaliza, pois qualquer falha poderá levar aos envolvidos um grande prejuízo de toda uma cadeia que vive daquela atividade .

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 TURISMO

O turismo é uma atividade econômica do setor terciário responsável pela oferta de bens e serviços com a intenção de satisfazer as necessidades dos indivíduos que se deslocam de uma região para outra.

Sendo assim, o turismo proporciona uma visão social, podendo conceituar que o turismo é um fenômeno social que na atualidade abrange o mundo inteiro no panorama geográfico, e praticamente todas as camadas e grupos sociais (SERRANO; BRUHNS; LUCHIARI, 2000). Podemos dizer, que o turismo na maioria dos casos está voltado para a administração. Já direcionado como um fator social, com utilização do altruísmo é pouco estudado e abordado.

Dessa forma, seja o turismo movido pela administração ou voltado para o social, é preciso planejamento para que haja organização, resultando em efeitos multiplicadores capazes de atingir amplamente a sociedade e outros setores econômicos. “É por este efeito multiplicador diversificado que o turismo é visto como um grande investimento” (BARRETO, 2003, p. 49).

### 2.2. LEGISLAÇÃO

A LEI Nº 8.817, de 29 de março de 2006 disciplina as permissões administrativas para realização do serviço de Buggy-turismo no Estado do Rio Grande do Norte e das outras providências.

O serviço de Buggy-turismo, considerado de utilidade pública, é explorado por conta e risco de seus prestadores, mediante ato de permissão formalizada e expedida pela Secretaria de Estado do Turismo- (SETUR), após procedimento licitatório específico.

O serviço de que trata esta Lei é prestado para satisfazer uma necessidade pública secundária, de natureza turística, consistente na realização de passeios de automóveis do tipo Buggy, nas praias, dunas, lagoas e sítios de valor histórico e cultural do Estado, observados as normas de segurança, proteção do meio ambiente e do patrimônio turístico e paisagístico do Estado.

Para efeito desta Lei e sua regulamentação, nomenclatura abaixo tem a seguinte significação e alcance jurídico:

- **I - Serviço de Buggy-Turismo:** atividade não essencial, considerada de utilidade pública, destinada ao transporte de turistas e cidadãos interessados em visitar e conhecer áreas de reconhecida beleza natural, valor histórico, paisagístico e ambiental do Estado do Rio Grande do Norte, realizada por particulares, por sua conta e risco, mediante remuneração dos usuários;
- **II - permissão:** ato formal, discricionário e precário, expedido pelo Poder Promitente, sempre decorrente de procedimento licitatório, para realização de serviço considerado de utilidade pública, por conta e risco de particular, nas condições estabelecidas nesta lei e em legislação correlata (<http://www.buggyturismo.rn.gov.br>).

Por fim, a lei que regulamenta a atividade apenas reforça a informação que existe um risco presumido na atividade relativo ao uso do veículo em questão.

As inovações para atrair essa parcela de visitantes são sempre ofertadas para agregar valor ao passeio e atrair mais clientes dentro de um processo produtivo.

Dentre esses atrativos se encontra a oferta por parte dos condutores os passeios *com ou sem emoção*, até então tudo certo, apenas com uma ressalva para questões de uso dos equipamentos de uso obrigatório – cinto de segurança e o posicionamento no assento destinado aos visitantes de forma correta.

Dentro das organizações e no próprio mercado existem procedimentos, normas e protocolos que precisam ser cumpridos para se obter um melhor resultado, com a melhora desses fatores citados, diminui-se a burocracia e aperfeiçoa os processos, aumentando assim os níveis de segurança e gerando um marketing positivo de maneira espontâneo para o lugar, escolhido como destino. Um bom e espontâneo marketing ajuda a chegar ao público alvo com mais eficácia e eficiência, através de ferramentas desenvolvidas por esse setor para que se obtenham melhores resultados e consecutivamente aumento de produção, porem acidentes ocasionados por falta de equipamentos de uso obrigatório ou procedimentos de segurança podem causar diversos danos aos ocupantes dos veículos e sequelas ou até mortes, consecutivamente trazendo consigo um marketing negativo para os

negócios como o passeio de Buggy e toda a cadeia do turismo. O turismo depende do transporte. Qualquer viajante, seja ele turista ou não, utiliza um ou mais meios de transportes no decorrer da sua viagem.

Sendo um dos componentes essenciais das viagens e do turismo, o transporte é responsável pelo deslocamento de viajantes dos núcleos emissores para os receptores e vice-versa, bem como pelo deslocamento dentro destes últimos. Representam, assim, a acessibilidade, dessa forma, tornam os destinos turísticos e suas respectivas atrações acessíveis ao viajante. “Ao mesmo tempo, exercem um papel facilitador, sendo condição fundamental para o desenvolvimento de qualquer destino turístico” (CAVALCANTE E ALVES, 2011).

A temática da segurança na prática da atividade turística ainda não tem o devido respeito nos tempos atuais. Mais recentemente encontramos a Portaria nº 36/2019 que trata sobre a Segurança no Turismo dentro do Regimento Interno do MTur (Ministério do Turismo). Essa portaria publicada, neste ano, em seu artigo 90 detém-se em explicar a importância da Segurança Turística, em seus incisos III, IV e V.

Art. 90. À Coordenação-Geral de Segurança Turística (CGSEG), compete:

I - articular programas, projetos e ações que promovam a proteção da vida, da saúde, da integridade dos visitantes, prestadores de serviços e membros das comunidades receptores;

II - promover a cooperação e a articulação com as forças de segurança para a proteção do turista nacional e estrangeiro;

III - articular com os demais órgãos e entidades da administração pública federal, estadual, distrital e municipal ações e campanhas de conscientização e informação que promovam a saúde do viajante;

IV - articular com os órgãos de defesa civil programas, ações e campanhas de conscientização e informação que promovam a segurança ambiental e a prevenção de desastres no setor de turismo; Uma vez que se trata de uma atividade que é de interesse econômico bastante acentuado, esta atividade já demonstrou ao longo de décadas sua viabilidade e que diante

da fragilidade com que é tratada existe o risco de se concretizar um desastre para o setor como é;

V - realizar ações permanentes de conscientização e orientar turistas e profissionais do setor quanto à correta aplicação das normas de segurança e prevenção de acidentes na prestação de serviços turísticos;

VI - promover em articulação com o sistema de defesa do consumidor a orientação, educação e proteção do consumidor turista, nacional e estrangeiro, contra abusos nas relações de consumo e prestação de serviços;

VII - sensibilizar a cadeia produtiva do turismo quanto a importância de realizar ações que promovam a prevenção e o enfrentamento à exploração sexual de crianças e adolescentes e o combate ao tráfico de pessoas nos destinos turísticos.

A legislação aponta a necessidade da prevenção e planejamento da atividade turística de maneira a oferecer um serviço de qualidade que exige segurança para aquele que deixa sua rotina para ser sujeito da ação turística.

A temática em questão é tratada com descaso, apesar de ser uma tragédia anunciada há tempos; essa é a visão quando se observa as legislações. No que diz respeito à saúde, há uma exposição do turista a diversos riscos de um destino que pode comprometer toda a condição do turista, desde sua segurança alimentar, exposição a ambientes mal higienizados, segurança pública, insolação e outros.

Quanto à segurança nos passeios não é diferente, ao falarmos de prevenção, identificamos a ausência das ações continuadas, campanhas de conscientização, orientação para o público que se quer atingir, seja o turista ou a categoria de profissionais. Além do engajamento de todos, por ser de fundamental importância. Para o fortalecimento do turismo e dos investimentos e qualificação das partes envolvidas e ao final do processo o sistema de turismo forte e de qualidade, minimizando assim os pontos vulneráveis do processo.

Podemos observar que existe uma legislação clara, preocupada com o segmento turístico, a fim de protegerem não apenas a saúde dos turistas, quanto à própria atividade turística, pois um turismo sem segurança e planejamento coloca em risco todo um sistema.

A temática é tratada com tanto descaso que a sociedade civil se organizou para orientar familiares que perderam seus entes quando em prática do Turismo. Há dezessete anos existente a Associação Férias Vivas dedica-se a orientar tais situações. Criada, em 2002, a associação surgiu exatamente a partir da experiência dolorosa das tragédias em momentos de lazer, fruto da falta de planejamento, de consciência de cidadania e de descaso com a qualidade do serviço. Abaixo seguem Figuras que selecionamos do material de divulgação da Associação sobre os passeios em Genipabu.

Figura 1 – Recomendações da OSCIP



Fonte: Férias vivas (2019)

Podemos observar que existe a preocupação da associação em divulgar não só em sua página, mas também em redes sociais o turismo de forma segura, recomendações para que sejam contratados profissionais e serviços licenciados

Figura 2 – Recomendações da ONG



Fonte: Férias Vivas (2019)

Existe também a recomendação para que os turistas façam o lazer de forma segura, como se pode observar na imagem um veículo com adesivos da secretária de turismo do estado do RN com pessoas sendo transportadas sem cinto de segurança e sentadas fora dos assentos destinados a elas, alterando assim o centro de gravidade e aumentando significativamente os riscos, sem levar em consideração que algumas dessas pessoas possam estar sobre efeito de álcool ou outra substância psicoativa.

A segunda etapa, no período da tarde, seguimos com toda equipe para as dunas de Búzios, no Município de Nísia Floresta- RN, onde foi ministrada a etapa prática (fotos 3, 4, 5). Na ocasião em conversa informal, questionei qual o objetivo de empregar tal veículo em resgate, por desconhecer acidentes naquelas áreas, o responsável pelo convite ao treinamento relatou que o índice de acidente nas dunas com os veículos Buggy era crescente. Questionamos se os acidentes ocorriam geralmente com veículos particulares, informou-nos que eram com todos os tipos, mas comumente com os Buggys credenciados, e eles, os socorristas tinham bastante dificuldade em acessar os locais dos acidentes, por tratar-se na sua totalidade de áreas remotas e não terem veículos adequados para esses resgates. Tanto que recentemente haviam adquirido os veículos mencionados.

IMAGEM 1 - FORMAÇÃO PRÁTICA DO TREINAMENTO DE CONDUÇÃO DE VEÍCULO 4X4 EM ÁREA DE DUNAS, MANOBRA EM AREIA SOLTA



Fonte: Arquivo do autor (2018).

IMAGEM 2 - FORMAÇÃO PRÁTICA DO TREINAMENTO DE RESGATE COM VEÍCULO 4X4 EM ÁREA DE DUNAS



Fonte:arquivo do autor (2018).

IMAGEM 3 - TURMA DO TREINAMENTO DE CONDUÇÃO DE VEÍCULO 4X4 EM ÁREA DE DUNAS



Fonte: arquivo do autor (2018).

Desde então, como profissional de transporte e habilitado desde 1992, instrutor de trânsito habilitado pelo DETRAN-RN, (Departamento Estadual de Trânsito do Rio Grande do Norte), e normatizado pelo DENATRAN, (Departamento Nacional de Trânsito), desde 2010, começamos a observar de forma mais aguçada como são feitas as conduções dos turistas nos veículos do tipo *buggy*, tanto nas vias quanto nas dunas.

### 2.3. O TRANSPORTE TURÍSTICO

“O sistema de transporte turístico é a estrutura composta por serviços e equipamentos de um ou mais meios de transportes, necessários ao deslocamento dos turistas e viajantes em geral entre núcleos emissores e receptores e dentro dos mesmos”. (Paolillo, 2001c:12). (PAOLILLO, REJOWSKI, 2002, p.13).

Com essa afirmativa os autores deixam claro o quanto é importante o serviço de Buggy para o sistema de turismo e para a região em questão de forma geral, pois, é uma ferramenta indutora de recursos para o Estado do Rio Grande do Norte.

A temática abordada surgiu da observação da circulação de veículos tipo Buggy, na categoria aluguel, utilizados para passeios, com foco às dunas e áreas pouco acessíveis aos veículos convencionais, esse aspecto dificulta a fiscalização e o cumprimento da Legislação.

Para que se tenha segurança e a divulgação espontânea dos turistas, quanto ao item segurança no passeio, e possa consolidar o destino turístico do Rio Grande do Norte como um dos pioneiros na atividade de passeios de buggy-turismo no Brasil de forma segura, propiciando a sensação de conforto e segurança para quem procura essa atividade.

O turismo foi o grande disseminador dos serviços de locação de veículos, porém, a globalização trouxe a evolução na terceirização de serviços automotivos nos setores industriais e de serviços, oferecendo às locadoras uma nova “fatia” de mercado que está em constante expansão. Segundo a ABLA, (Associação Brasileira de Locadoras de Automóveis), em 1999, havia cerca de 2060 locadoras de veículos, com frota estimada de 116 mil veículos, gerando 66 mil empregos. Essas empresas oferecem serviços de aluguel de veículos para deslocamento em: viagens passeios, negócios, etc.; com ou sem motoristas, bilíngue, poliglota ou não, masculino e feminino. Os tipos de veículos podem ser assim classificados:

- Automóveis: pequenos, médios e grandes;
- Limusines: veículos espaçosos e luxuosos;
- Esportivos e “off-roads”, buggies e veículos com tração nas quatro rodas;
- Utilitários: pick-ups; cargo-vans; furgoline, Ibiza, Bestas Kombi, etc.;
- Trailers: de todos os tipos;

- Outros.

(Paolillo, 2001c:12). (PAOLILLO, REJOWSKI, 2002, p.78 e 79).

Percebendo os relatos em mídias sociais, televisivas, jornais e outros meios de comunicação, observamos que, quando ocorriam esses acidentes eram graves e muitas vezes fatais, mas porque se dava tão pouca importância a tal fato? Somente no verão era que a mídia em geral comentava sobre campanhas de fiscalização e enfatizavam um pouco mais o tema sobre os passeios de buggy.

Como profissional do transporte, observamos, atualmente, na condição de graduando no curso de Turismo, as questões que envolvem todos os sistemas do turismo, em especial a área de transporte turístico, pois, essa ferramenta é de extrema importância para o nosso Estado. Quando na mídia ganhamos espaço devido a algum tipo de acidente, essa realidade repercute diretamente no setor de transportes, por exemplo, seja de qualquer modal, ferroviário, aeroviário, aquaviário e rodoviário.

Encontramos exemplos da repercussão dessa insegurança do turista, nas mídias, conforme figura selecionada:

Figura 3 – Insegurança no transporte turístico em Genipabu



Fonte:Tribuna do Norte (2017)

O contexto de insegurança é recorrente ao longo de anos, como mencionamos anteriormente, ainda assim, o poder público permanece omissos, **o inciso IV da CGSEG prevê que existe o risco de um desastre no setor de turismo, uma vez que essa atividade é de grande interesse econômico aqui para o estado**, e demonstrou ao longo de décadas sua viabilidade; diante da omissão de diversos órgãos e a fragilidade com que é tratada, existe o risco de se concretizar esse desastre.

### 3. METODOLOGIA

No que diz respeito à abordagem metodológica para realização desta investigação, define-se como a pesquisa com abordagem qualitativa. Para coleta de dados utilizamos as entrevistas semiestruturadas com os participantes. “Embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, às representações de tais experiências não surgem das mentes individuais; em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais” (BAUER; GASKELL; 2002, p.71). Por esse motivo escolhemos realizar entrevistas porque os sujeitos investigados têm a prática do buggy-turismo em comum, e possivelmente, carregam sentidos compartilhados à essa temática.

Esta pesquisa aconteceu por meio de entrevistas semiestruturadas para solucionar um problema existente. Gil (2002), fala que a pesquisa aplicada “uma pesquisa sobre problemas práticas pode conduzir a descoberta de princípios científicos. Da mesma forma uma pesquisa pura pode fornecer conhecimentos possíveis de aplicação imediata” (GIL, 2002. P.18).

Com abordagem qualitativa mediante a isso explica Fonseca (2002):

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa (FONSECA, 2002, p, 20).

Com base numa pesquisa exploratória, que de acordo com Gil (2002), este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista torná-lo mais explícito a construir hipóteses [...] (GIL,2002, p.41).

Essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam, ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão, o porquê das coisas. [...] (GIL, 2002, p.42).

É importante salientar que para fundamentar o presente estudo, realizamos uma revisão bibliográfica para identificar em livros, artigos científicos e na legislação contribuições que possibilitem uma maior compreensão do problema pesquisado. Todavia, é necessário destacar que dispomos de poucas referências sobre esta

atividade turística em específico. Ainda neste percurso metodológico nos fundamentamos em Lakatos (2003) afirma:

A pesquisa de campo é aquela, utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimento acerca de um problema, para o qual se procura a resposta de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (LAKATOS, 2003, p, 186).

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As entrevistas foram realizadas com dois sujeitos: um fabricante de veículo tipo Buggy e um especialista na temática, o coordenador de curso de requalificação e formação na modalidade condutor. Para técnica de tratamento dos dados da pesquisa, realizou-se análise de conteúdo sob perspectiva de Franco (2011) e Bardin (2010).

O entrevistado da fabricante da empresa de veículo tipo Buggy foi o primeiro a ser entrevistado, o mesmo é neto do proprietário da empresa e sucessor nos negócios de família que vem de seu bisavô, a empresa tem uma vasta experiência no mercado automotivo com mais de meio século atuando na fabricação desse tipo de veículo.

O segundo entrevistado nos recebeu em sua residência no bairro de Nova Parnamirim na cidade de Parnamirim-RN, o mesmo foi coordenador de cursos de requalificação e formação de condutores de Buggy-turismo e fiscalizou a atividade durante um período, hoje atua como empresário, tem formação acadêmica como Turismólogo e uma vasta experiência no *trade* turístico.

Observamos através das falas dos entrevistados que existem convergências entre as elas, na voz do entrevistado da empresa fabricante de veículos Buggy é relatada a preocupação com a segurança daqueles que fazem uso do veículo que ele fabrica “agente tem uma preocupação muito acentuada com a segurança”, com predominância de profissionais na aquisição do veículo em questão, dando uma clara indicação que os acidentes ocorrem na área pesquisada envolvendo esses profissionais. No quesito de inovações é possível perceber que as alterações foram tímidas, o veículo é em sua maior parte construído de forma artesanal, porém há de se destacar que está em conformidade dentro de especificações técnicas exigidas pela legislação Brasileira.

No tocante a questões estruturais do veículo pode perceber a experiência que a empresa tem de mercado pelo tratamento aplicado nos materiais que são empregados na construção do veículo, pois este tem um desgaste superior a

veículos usados em situações normais e observadas as características particulares que se tem por circularem em áreas de dunas e praias.

Identificamos na fala do entrevistado que a empresa tem observado que existem alterações executadas nas estruturas dos veículos e que são visíveis e, outras que podem ser comprovadas com o desmonte de veículos que chegam para manutenção, reforçando assim a investigação de que essas alterações influenciam no comportamento e na dinâmica do veículo, colocando os ocupantes em risco, esses fatos levaram a decisão da empresa de mudar o modelo dos bancos na parte traseira do veículo, forçando os ocupantes a utilizarem os assentos e cintos de segurança de forma correta, é possível observar também que o fabricante se limita em aprofundar no assunto, pois as alterações são de cunho particular, limitando-se apenas fazer as recomendações a ele atribuídas, ou seja, podemos observar que a problemática está na esfera governamental em não reforçar as fiscalizações técnicas necessárias para coibir essas alterações, principalmente em veículos que fazem o uso com concessões do Estado.

Ainda sobre alterações no veículo o entendimento do fabricante é que a adição de passageiros acima da capacidade que o veículo comporta interfere na segurança de quem os utiliza e que a homologação para a fabricação do veículo é com capacidade para quatro ocupantes, indo de encontro com o Código de Trânsito Brasileiro, portanto, cabendo ao Estado rotineiramente fiscalizar os veículos durante sua circulação; na sua fala explicita também a preocupação em mudar a configuração do veículo para acomodar mais um passageiro, tal mudança só poderia acontecer através de homologação para tal finalidade.

Podemos observar que a visão que a empresa tem em relação a os cuidados demandados por parte do ente público com essa atividade ainda é muito tímida, pois existe o pioneirismo aqui no Estado, mas não parece, ele cita algumas medidas simples que poderiam ser adotadas e postas em prática com maior engajamento de todas as partes interessadas e envolve-las melhor, ainda sobre os acidentes envolvendo esse tipo de veículo os mesmos sabem que as causas estão relacionadas a fatores externos ao processo de fabril, a empresa trata de forma respeitosa e tranquila, se mostrando receptiva a colaborar com o que tange a

segurança de seus veículos, estão sempre receptivos á recebe sugestões, e tem em seus projetos futuros a adoção de equipar os veículos com *Airbags*.

Assim, durante a investigação observa-se que a empresa cumpre com diversas determinações de segurança dentro de um padrão técnico, conforme preconiza o CTB (Código de Trânsito Brasileiro) e suas resoluções. O mesmo não acontece com o poder público, cabendo uma reflexão sobre a atuação do Governo e órgãos fiscalizadores de trânsito junto aos condutores.

No questionamento final foi recomendado para os profissionais que na condução de seus veículos tenham cautela e respeito às normas gerais de circulação e conduta como preconiza o capítulo III do CTB. Viemos mais uma vez relacionar os fatos de acidentes ocorridos com Buggys durante a atividade de lazer com relatos de pessoas e empresas interligadas a atividade para confrontar com uma análise de que é possível minimizar os acidentes aumentando a segurança dos turistas durante seus passeios nas dunas.

A partir da fala dos entrevistados é perceptível a larga experiência na atividade direcionada ao turismo e em especial a atividade de Buggy turismo no Estado, corroborando com a investigação, na sua fala é possível perceber de quê existe lacunas durante o processo da atividade com diversas falhas por parte dos entes públicos que de forma equivocada ou propositada mostra para o turista uma sensação de segurança que não condiz com os fatos aqui apresentados, vejamos algumas; a circulação dos veículos no trecho de praia em Genipabu ele se mostra desfavorável, pelo fato de se tratar de área destinada á banhistas, relata que existem históricos de acidentes naquela área, em sua fala ele deixa claro que existe uma clandestinidade no que diz respeito a venda de passeios, esse fato nos leva a reflexão de quê; se existem passeios clandestinos, ou seja, sem regulamentação, seja por parte dos condutores, dos veículos ou de ambos, existe uma ineficiência por parte dos órgãos públicos responsáveis que os mesmos são responsáveis por regulamentação, cadastramento, qualificação e fiscalização.

O conceito de segurança no turismo integra variados domínios, desde a segurança das pessoas e bens até à segurança ambiental, incluindo a segurança rodoviária, proteção civil,

socorros a náufragos, segurança e higiene no trabalho, podendo inclusivamente abarcar a segurança dos atos médicos ou outros, consumidos durante as estadas. (2012, p.46)

Para termos um turismo de qualidade com segurança se faz necessário à junção de todos os atores citados e envolvidos com a atividade turística para que a representatividade do Buggy como atração de acordo com Dias (2014). O condutor de *Buggy-turismo* é o profissional que tem a responsabilidade para com vários setores do turismo, seja ambiental, social, econômico, portanto se faz necessário que esteja qualificado dentro do que prevê as leis específicas da atividade para a condução do veículo de forma a não colocar a vida dos ocupantes em risco sobre tudo a sua, zelando pela sua imagem da profissional.

QUADRO 1: CATEGORIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

<b>PARTICIPANTES</b>	<b>CATEGORIAS</b>	<b>TRECHO DAS FALAS</b>
Entrevistado 01	<b>as estruturas do veículo e as questões de segurança</b>	“a gente tem uma preocupação muito acentuada com a segurança dos carros, tanto é que todos os pontos dos cintos de segurança eles atravessam a carroceria e são fixados no chassi para garantir de fato que o ocupante passageiro ele não seja arremessado pra fora do veículo”
	<b>medidas para redução de acidentes</b>	“É, realmente, cautela né?! dos profissionais, respeitar sempre o que o

		<p>CTB (Código de trânsito Brasileiro) determina, é, seguir as orientações de segurança dos fabricantes, manter todos os passageiros com cinto, é, não permitir que os turistas se sentem na, sobre o cofre do motor alterando o centro de gravidade, manter, buscar sempre atender as recomendações de segurança do fabricante, então basicamente é isso daí”.</p>
Entrevistado 02	<p><b>atividade do <i>buggy-turismo</i></b></p>	<p>Eu sei que eles são regulamentados, é o único Estado do Brasil, eu acho que o Ceará tá caminhando se não regulamentou, mais tá caminhando pra isso, inclusive com a lei baseada na nossa, mas é o único Estado no Brasil onde o bugueiro é reconhecido como atividade profissional”.</p>

	<b>recomendações para o turista</b>	A recomendação é, procure o bugueiro credenciado e numa agencia de receptivo, não recomendo pegar qualquer bugueiro, muito menos esses passeios que são vendidos na rua porque você não tem garantia nenhuma do serviço prestado.
	<b>recomendações para o turista</b>	do próprio turista do próprio usuário do serviço, é, quando você tá de, de férias, você tende a relaxar em tudo, eu acho que é natural isso aí, né?! é, e aí é uma questão cultural, na verdade e, falta de educação né?!
	<b>planejamento de segurança</b>	“Não, não de meu conhecimento nenhuma, nenhuma em relação a segurança, existe no período de verão infelizmente, e apenas, é atividade é de, de fiscalização, mas eles fiscalizam documentação dos carros, não fiscaliza, não fiscaliza a forma com

		que dirigem, por onde dirigem os bugueiros não respeitam os trechos onde eles são proibidos de rodar, todo mundo sabe disso, só basta ficar numa beira, numa beira de praia ali que você vê,
	<b>incoerência entre fatos e fotos que o Estado</b>	Sim, total incoerência, é vendido uma imagem e na prática a realidade é outra, primeiro vende-se muito que o turismo do Rio Grande do Norte é feito sobre um buggy, eu discordo, eu acho que a atividade do buggy turismo é importantíssima para o turismo do nosso Estado, mas não é a única atividade, primeiro que o turismo de sol e mar não é o único tipo de turismo que pode ser feito aqui no Estado

Fonte: Elaboração Própria (2019).

Os segmentos de fala selecionados demonstram o entrecruzamento de significados que encontramos entre os dois sujeitos.

Os entrevistados não tiveram acesso aos conteúdos um do outro, porém é perceptível as semelhanças entre cada parte das falas no tocante a segurança, pessoas que comungam do mesmo sentimento e preocupação em relação à

atividade investigada. Após a análise das falas dos entrevistados, pontuamos aspectos da legislação, como artigo 98/1997, a seguir que trata das alterações nas estruturas dos veículos:

**Art. 98.** Nenhum proprietário ou responsável poderá, sem previa autorização da autoridade competente, fazer ou ordenar que sejam feitas no veículo modificações de suas características de fábrica.

O artigo do CTB (Código de Trânsito Brasileiro) nos leva a uma reflexão sobre o tema segurança e que existe diversos veículos oficialmente cadastrados pelos órgãos competentes do Estado do Rio Grande do Norte e circulam normalmente executando a atividade sem maiores problemas, descumprindo tal legislação.

Outro aspecto de destacamos nas falas é a necessidade de ações de conscientização conforme sinaliza o inciso V da Portaria nº36/2019.

Os resultados foram analisados a partir das entrevistas realizadas com um dos proprietários de uma empresa de fabricação de veículos tipo buggy com longa experiência, que contribuiu com os objetivos deste trabalho. A entrevista foi norteada com questionamentos que elencaram temas sobre estrutura e alterações veicular; perfil do consumidor; inovações quanto à segurança do veículo; imagem da empresa; acidentes e normas.

Já com o coordenador de cursos para requalificação e formação para bugueiros na modalidade condutor os questionamentos foram temas sobre atividade de buggy no Estado, em particular Genipabu; legislação geral e específica; recomendações para quem faz os passeios; conscientização de condutores e turistas; análise de cenário de acidentes; planejamento de segurança; análise da realidade da propaganda estatal e a realidade vivida e fatores que interferem no senso de segurança.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Turismo é uma atividade pujante e promissora em todo mundo, no Estado do Rio Grande do Norte não seria diferente, porém temos de estar preparados para os desafios que o Turismo traz, um deles é de preservação ambiental, desenvolvimento econômico, rotinas administrativas e tantas outras, um verdadeiro universo para quem quer seguir a carreira como Turismólogo, o trabalho desenvolvido aqui vem cumprir o papel de discussão sobre a segurança dos turistas na atividade de buggy-turismo e trazer a reflexão para diversos setores do turismo e quem sabe, até os entes públicos para que melhorem e aperfeiçoem seus protocolos, práticas e legislações pertinentes.

A segurança é fundamental em qualquer segmento, de maneira que se faz urgente necessário pensar em programas de prevenção. Outro aspecto identificado é que os profissionais envolvidos nessa atividade carecem de formação em consonância com a legislação vigente. Neste sentido, a sociedade civil adiantou-se na organização de grupos que orientam turistas quanto à prevenção de acidente, além de familiares vítimas de infortúnios envolvendo a atividade turística. Por fim, consideramos que a investigação realizou uma valiosa reflexão sobre essa atividade tão importante e fundamental para muitas famílias que lidam com o turismo, de forma direta ou indireta, no Estado do RN, em específico na praia de Genipabu.

A temática da nossa investigação nos levou a aprofundar sobre o trânsito e a segurança, e nos fez conhecer novos universos dentro do assunto, um deles, uma Associação que tem o objetivo, minimizar acidentes através de programas de prevenção, denunciar omissões e descasos; também um aplicativo que interage com os usuários através de experiências e denúncias sobre a insegurança e risco em destinos de lazer, essas ferramentas são de fundamental importância para a melhoria do turismo e preservação de vidas, destinadas ao lazer de quem os utilizam. Podemos afirmar que, como profissional na área de transporte e trânsito, tivemos um crescimento enorme sobre a temática e levaremos esse para as salas de aula e para toda uma vida, torcemos para que outros amantes do turismo ou de outras áreas afins tenham a mesma percepção, aprimorem e deem continuidade a este trabalho.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 2003.

DIAS, S. H. T. **Os transportes no turismo e o passeio de buggy em Cumbuco – Caucaia, CE**.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em: [www.ufrgs.br/cursopgdr/download\\_serie/derad005.pdf](http://www.ufrgs.br/cursopgdr/download_serie/derad005.pdf). Data de acesso: 02 jun. 2018.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia/ Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos**. – S.ed. – São Paulo: Atlas 2003. Manual para o Desenvolvimento e a Integração de Atividades Turísticas com Foco na Produção Associada (MTur, 2011).

MARCONI, M.A. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. Atlas 1999, 7ª ed.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Logística de Transportes**. Disponível em: Portaria DENATRAN Nº 65 DE 24/03/2016 < <http://www.denatran.gov.br/portarias/68-portarias/118-portarias-2016>>. Acesso em: 04 de ago, 2019.

BRASIL. PORTARIA N º 65, DE 24 DE MARÇO DE 2016. Disponível em: <http://www.denatran.gov.br/portarias/68-portarias/118-portarias-2016> Acesso em: 15 de ago, 2019.

REJOWSKI, M. PAOLILLO, A. **Trasportes Turísticos**, Editora Aleph 2002, 2ª Edição. Coleção ABC do Turismo. 2003.

SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P (org). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001.

Programa logística transportes. Disponível em: [www.turismo.gov.br/turismo/programa/ações/logística transportes](http://www.turismo.gov.br/turismo/programa/ações/logística_transportes)>. Acesso em: 17 de jul, 2019.

Tributo a Bruce Mayers: História do buggy Disponível em: <<http://planetabuggy.com.br/historia/manx.htm>>. Acesso em: 14, de ago, 2019.

Dunas moveis. Disponível

em:<<http://www.genipabudebuggy.com.br/passeio/1/dunas-moveis>>. Acesso em: 15 de ago, 2019.

FÉRIAS VIVAS. Disponível em <https://www.feriasvivas.org.br/do-luto-a-luta/> Acesso em 10 de set, 2019.

## **APÊNDICE A - ENTREVISTA COM FABRICANTE**

## QUESTÕES PARA O ENTREVISTADO

1. Qual o perfil do comprador desse tipo de veículo?
1. Quais as inovações nos últimos anos quanto á segurança desse tipo de veículo?
2. Qual a relação entre as estruturas do veículo e as questões de segurança?
3. A empresa tem conhecimento de alterações feitas nas estruturas desse tipo de veículo por conta própria por seus proprietários?
4. No seu entendimento as alterações na estrutura do veículo interferem na segurança dos passageiros?
5. O que a empresa recomendaria para os proprietários desse tipo de veículo, que, alteram característica de segurança sem consulta prévia?
6. Como a empresa vê a questão dos acidentes envolvendo esse tipo de veículo nas dunas?
7. A empresa já sentiu sua imagem comprometida (arranhada) devido a esses acidentes?
8. Alguém já solicitou a empresa algum tipo de alteração para aumentar o nível de segurança nos passeios de buggy?
9. O que a empresa sugere para redução desses acidentes?

**ENTREVISTADO FABRICANTE: Idade 34 anos, profissão Empresário, Monte Castelo. Parnamirim-RN.**

**Questão 1. Qual o perfil do comprador desse tipo de veículo?** “o mais moderno que agente fabrica, o último modelo, ele predomina praticamente o interesse pela classe de profissionais que dependem do carro para trabalho, que é o bugueiro, mas existem pessoas particulares que tem interesse no carro, o fato da escassez de componentes é que atrapalha a produção, o atendimento dessa demanda, então basicamente são os bugueiros que buscam esse tipo de veículo”.

**Questão 2. Quais as inovações nos últimos anos quanto á segurança desse tipo de veículo?**

“agente tem uma preocupação muito acentuada com a segurança dos carros, tanto é que todos os pontos dos cintos de segurança eles atravessam a carroceria e são fixados no chassi para garantir de fato que o ocupante passageiro ele não seja arremessado pra fora do veículo, até porque é um veículo aberto né?! Que tá mais exposto o condutor, então basicamente a nossa segurança é em cima disso dai, os pontos de fixação dos cintos e a estrutura como um todo, a questão de resistência a torção, resistência de impacto, existe aí alguns projetos de lei que devem entrar em vigor até 2020 que vão passar a exigir teste de impacto pra veículos produzidos no Brasil, a categoria de buggy ela tem uma certa é, liberdade quanto essas leis, inclusive em 2014 teve a aplicação da lei que exige *ABS* e *AIRBAG* mas a classe de buggy ficou de fora dessa exigência, então basicamente é isso, existem os órgãos as instituições que fazem a fiscalização dos fabricantes, inclusive há uma exigência pra renovação da nossa certificação de produção quanto aos bancos então a gente vai ter que recentemente desenvolver um chassi, desenvolver um conjunto de bancos e cintos de segurança para mandar para São Paulo para ser realizado teste de impacto nos bancos e nos cintos, então nossa próxima renovação só vai ocorrer após os resultados destes testes”.

**Questão 3. Qual a relação entre as estruturas do veículo e as questões de segurança?**

“a gente tem bastante cuidado com relação ao material empregado na confecção com relação á espessura da parede dos tubos, do santo Antônio né?! a questão do centro de gravidade, de curso de suspensão, tudo é bem pensado, bem elaborado e toda parte de ferragem de nossos carros elas passam por quatro tratamentos de superfície que são jateadas. Depois elas recebem duas camadas de antiferrugem e uma terceira camada de batida de pedra, uma espécie de borracha né?! Um revestimento emborrachado pra evitar de fato a oxidação precoce da parte estrutural do veículo, então é um carro que ele tá exposto a um nível de salinidade altíssimo,

maresia, a própria areia quando durante a trajetória dos carros nas dunas a própria areia vai jateando os componentes, então agente executa um tratamento de superfície bem rigoroso nas partes estruturais”

**Questão 4. A empresa tem conhecimento de alterações feitas nas estruturas desse tipo de veículo por conta própria por seus proprietários?**

“Isso é um ponto bem interessante, é, principalmente porque os nossos carros agente é, esse modelo “HL” que é o último agente confeccionou um encosto pra os ocupantes do banco traseiro e encosto de cabeça que são anexados ali na parte superior do cofre do motor justamente pra impedir que os passageiros, eles façam mau uso, entendeu?! Eles sentem ali em cima da parte do cofre alterando o centro de gravidade então a gente toma algumas medidas mas quando o proprietário retira o carro do fabricante ele por conta própria faz essas modificações né?! nós não recomendamos, inclusive alguns bugueiros eles alteram o tamanho do aro da roda, isso acaba prejudicando os componentes da suspensão, existe um desgaste prematuro da parte de pivô, da parte do cubo, então a gente sempre reforça né?! Bate nessa tecla aí com os nossos clientes pra buscar manter as características originais do veículo”.

**Questão 5. No seu entendimento as alterações na estrutura do veículo interferem na segurança dos passageiros?**

“Bem, algumas interferem né?! é, era comum a pratica de alargamento e modificação da posição do banco traseiro desses carros, então o pessoal altera, coloca os bancos traseiros numa posição superior ao que sai de fábrica pra que comporte com mais comodidade, com mais conforto três turistas no banco traseiro, a nossa licença de projeto, é, autoriza fabricação de veículos pra quatro ocupantes, motorista, mais três turistas, então nessa próxima renovação há planos pra que a gente consiga modificar a licença pra cinco ocupantes, mas até lá, os nossos carros saem com documentação pra quatro, então essa modificação do banco traseiro ela é muito executada, é, aí fora pra acomodar de fato um turista a mais no banco traseiro, permitir um conforto maior, lembrando que, é, essa alteração ela modifica o centro

de gravidade do carro, então os ocupantes eles passam a sentar numa posição mais elevada uma posição, é, mais pra trás do veículo, mais posicionado na traseira do carro, então isso muda, há, o comportamento do carro também na duna, uma vez que, é, os ocupantes nessa posição indevida, o braço oscilante, o braço da suspensão traseira ele toca no batedor, o peso desses ocupantes nessa posição indevida acaba forçando o braço ao ponto de empenar, então assim, como você alterou o centro de gravidade e o posicionamento dos turistas o braço oscilante quando ele chega no fim de curso que é o batedor a força ainda é maior ao ponto de torcer o braço do batedor pro fim, pro final dele, então é comum agente já viu esse tipo de modificação e esse tipo de problema causado em decorrência dessa alteração, então compromete sim, respondendo a pergunta de uma forma mais sintetizada, compromete sim a segurança dos passageiros.

**Questão 6. O que a empresa recomendaria para os proprietários desse tipo de veículo, que, alteram característica de segurança sem consulta prévia?**

“É, de fato, se forem pra os proprietários executarem alterações, buscar fazer dentro do que o fabricante recomenda agente orienta sempre que mantenha a configuração do carro como original, mas existem algumas adaptações que se forem bem feitas não chegam a comprometer; então um exemplo, agente já trabalha para ampliar a capacidade do veículo tradicional que é o modelo “S” pra comportar três ocupantes no banco traseiro, então já foi feita uma mudança na forma, a forma ela foi alargada na parte traseira em aproximadamente doze centímetros, seis para cada lado, o “S” ele sofreu mudanças na forma justamente para atender essa necessidade de comportar três turista, mantendo ainda os padrões de segurança, ou seja, agente adicionou um reforço de aço ali na parte inferior do banco traseiro que é pra manter os cintos bem amarrados, bem afixados no chassi e fez um serviço de alargamento da forma, então a caixa de roda diminuiu mas o banco traseiro ampliou, então agente busca atender as necessidades mantendo os padrões de segurança que é a prioridade número um aqui na empresa”.

**Questão 7. Como a empresa vê a questão dos acidentes envolvendo esse tipo de veículo nas dunas?**

“É uma situação que demanda de fato atenção, não só dos profissionais que estão diretamente, é, relacionados com a atividade, mas também dos órgãos públicos né?! que caberia um regulamento mais bem definido com o uso dessas dunas, talvez a elaboração vias, por mais que não seja possível sinalizar, mas algumas sinalizações virtuais né?! que possa ser determinado um padrão pra tráfego nas dunas nesses ambientes que não há uma sinalização bem definida é uma situação que demanda de fato atenção porque centenas de turistas todo mês vem pra o Rio Grande do Norte pra aproveitar as belezas naturais e é necessário que haja um engajamento maior das partes envolvidas na segurança dessa, desses turistas”.

**Questão 8. A empresa já sentiu sua imagem comprometida (arranhada) devido a esses acidentes?**

“Olha, não, justamente pelo fato d’agente prezar pela segurança em primeiro lugar, nossos projetos eles tem uma redundância em cima dos itens de segurança e quando ocorrem acidentes, é, na grande maioria os veículos envolvidos eles tem adaptação, exceto quando, é, há de fato situações imprevisíveis, imprevistos, algum tipo de negligência, mas de um modo geral nos atendemos as normas e isso acaba nos deixando numa situação mais confortável”.

**Questão 9. Alguém já solicitou a empresa algum tipo de alteração para aumentar o nível de segurança nos passeios de buggy?**

“Olhe, é, alterações vinculadas diretamente a segurança, não, mas agente sempre recebe sugestões né?! de melhoria, é, já foi desenvolvido, um exemplo, há, em 2014 quando a exigência de ABS e AIRBAG foi implantado, quando foi implementada, há, a empresa ficou de fora, após essa, esse período, já estamos em 2019, já foi desenvolvido um ABS pra veículos *off Road*, então, seria uma possibilidade d’agente implantar esse tipo de sistema como item de segurança a mais, então, mas de cliente chegar solicitando de fato uma alteração diretamente

relacionado a segurança ainda não houve esse, essa situação, a demanda de solicitações é mais pra comodidade pra atender assim uma, um poder maior de atendimento a aos clientes, aos turistas ”.

**Questão 10.\_O que a empresa sugere para redução desses acidentes?**

“É, realmente, cautela né?! dos profissionais, respeitar sempre o que o CTB (Código de trânsito Brasileiro) determina, é, seguir as orientações de segurança dos fabricantes, manter todos os passageiros com cinto, é, não permitir que os turistas se sentem na, sobre o cofre do motor alterando o centro de gravidade, manter, buscar sempre atender as recomendações de segurança do fabricante, então basicamente é isso daí”.

## **APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O EMPRESÁRIO**

## QUESTÕES PARA O ENTREVISTADO

1. Qual o seu conhecimento sobre a atividade de Buggy no nosso Estado? Em específico a praia de Genipabu? E da lei sobre essa atividade?
2. Quais as recomendações que o senhor daria para os turistas que procuram esses passeios?
3. Como conscientizar melhor os turistas quanto à segurança? E sua opinião, porque os turistas não se sentem inseguros nesses passeios?
4. Há muitos acidentes em dunas durante os passeios, houve um atualmente na praia de Redinha Nova; Com sua compreensão em segurança o que favorece esses acidentes?
5. É do seu conhecimento algum planejamento de segurança referente à essa atividade profissional?
6. Existe uma incoerência entre fatos e fotos do discurso do Estado e suas instâncias e a realidade pesquisada, como o senhor analisa esses fatos?
7. Quais os fatores que interferem no senso de segurança daqueles que no seu cotidiano usam cinto de segurança e obedecem as leis vigentes

**ENTREVISTADO ESPECIALISTA – Idade 42 anos, Empresário, Turismólogo, Coordenador dos cursos de formação e requalificação de Bugueiros. Nova Parnamirim. Parnamirim.**

A entrevista foi feita com o Sr. G.C. abreviado para manter o seu anonimato; o Sr. G.C. é turismólogo e foi coordenador de cursos de requalificação e formação de bugueiros na modalidade condutor, de uma fundação hoje extinta aqui no Estado do Rio Grande do Norte. Durante a entrevista foi feito sete questionamentos ao entrevistado que foram os seguintes:

**Questão 1. Qual o seu conhecimento sobre a atividade de Buggy no nosso Estado? Em específico a praia de Genipabu? E da lei sobre essa atividade?**

“tenho conhecimento, sei da importância deles para a atividade turística do nosso Estado, certo?! É... hoje são em torno de 700 bugueiros, né isso? Acredito que tem um impacto muito positivo na cadeia do turismo, em relação especifica a praia de Genipabu eu acho que é um ponto bastante delicado, inclusive tem um histórico de acidentes ali naquele trecho de beira de praia, eu particularmente não concordo com aquela passagem do buggy a beira mar, minha opinião pessoal, em relação a lei eu sei que eles são regulamentados, é o único Estado do Brasil, eu acho que o Ceará tá caminhando se não regulamentou, mais tá caminhando pra isso, inclusive com a lei baseada na nossa, mas é o único Estado no Brasil onde o bugueiro é reconhecido como atividade profissional”.

**Questão 2. Quais as recomendações que o senhor daria para os turistas que procuram esses passeios?**

“A recomendação é, procure o bugueiro credenciado e numa agencia de receptivo, não recomendo pegar qualquer bugueiro, muito menos esses passeios que são vendidos na rua porque você não tem garantia nenhuma do serviço prestado, não recomendo de forma alguma passeio oferecido de forma ambulante, certo?! Passeio tem que ser feito de forma, adquirir de forma correta”.

**Questão 3. Como conscientizar melhor os turistas quanto à segurança? E sua opinião, porque os turistas não se sentem inseguros nesses passeios?**

“Tem que se respeitar a legislação de trânsito, o bugueiro não tá numa situação a parte não, eu acho, eu particularmente acho bastante inseguro o buggy, eu tô falando de forma geral, existe as exceções claro! Mas não existe respeito em relação á legislação, é é, em relação á manutenção dos carros, a segurança dos carros ao uso do cinto de segurança aquela, aquela, aquela, aquelas cadeiras mais altas aquele acento do banco traseiro mais alto que é muito comum hoje aquilo é completamente ilegal, altera o centro de gravidade do carro mais é muito comum na

atividade do buggy turismo, eu acho isso inadmissível, a recomendação é que o, que o turista observe as leis de trânsito”.

**Questão 4. Há muitos acidentes em dunas durante os passeios, houve um atualmente na praia de Redinha Nova; Com sua compreensão em segurança o que favorece esses acidentes?**

“Acho que é a ausência de respeito as regras de trânsito, porque a, mesmo em situações fora de estrada você tem que respeitar as leis de trânsito, quem vai, vai pela direita, quem vem, vem pela esquerda, certo?! Tem que andar com o farol aceso, limite de velocidade, isso não é respeitado, repito, de forma geral, existem excelentes profissionais mais de forma geral a categoria respeita muito pouco a legislação de trânsito , isso por consequência é é, se, se, se reflete em acidentes, acidentes dos maiores ou menores proporções, mas em acidentes”.

**Questão 5. É do seu conhecimento algum planejamento de segurança referente à essa atividade profissional?**

“Não, não de meu conhecimento nenhuma, nenhuma em relação a segurança, existe no período de verão infelizmente, e apenas, é atividade é de, de fiscalização, mas eles fiscalizam documentação dos carros, não fiscaliza, não fiscaliza a forma com que dirigem, por onde dirigem os bugueiros não respeitam os trechos onde eles são proibidos de rodar, todo mundo sabe disso, só basta ficar numa beira, numa beira de praia ali que você vê, vê o quanto eles são, são imprudentes, e não é de meu conhecimento que existe hoje nenhuma ação para, para coibir esse tipo de, de, de maus profissionais”.

**Questão 6. Existe uma incoerência entre fatos e fotos do discurso do Estado e instâncias e a realidade pesquisada, como o senhor analisa esses fatos?**

“Sim, total incoerência, é vendido uma imagem e na prática a realidade é outra, primeiro vende-se muito que o turismo do Rio Grande do Norte é feito sobre um buggy, eu discordo, eu acho que a atividade do buggy turismo é importantíssima para o turismo do nosso Estado, mas não é a única atividade, primeiro que o turismo

de sol e mar não é o único tipo de turismo que pode ser feito aqui no Estado, num é?! Tem o turismo religioso, tem o turismo de evento, tem o turismo de negócios, certo?! Mas que é importantíssimo a atividade de buggy turismo? Sim é! mas eu acho que a imagem que vende e o que o turista, e o que o turista presencia é, é completamente incoerente, mesmo aquele turista que gosta do passeio de buggy mas talvez ele não tenha, ele não consiga mensurar o risco que ele esta correndo ali com aquele carro com, sem manutenção e com aquelas manobras exageradas, aquilo é direção perigosa , aquilo é, é é,é no código de transito é proibido aquilo ali, aquilo é direção perigosa entendeu? Então eu acho completamente incoerente sim”.

**Questão 7. Quais os fatores que interferem no senso de segurança daqueles que no seu cotidiano usam cinto de segurança e obedecem as leis vigentes?**

“Existe um contexto pra isso, pra esse desrespeito, tanto do profissional, quanto do próprio, do próprio turista do próprio usuário do serviço, é, quando você tá de, de férias, você tende a relaxar em tudo, eu acho que é natural isso aí, né?! é, e aí é uma questão cultural, na verdade e, falta de educação né?! porque regra de regra é pra ser respeitada em qualquer circunstância, mas você tende a relaxar quando você tá passeando, você fica mais abestalhado olhando pro mundo, desculpa a, o linguajar tão grosseiro, então eu acho que, que é isso, é uma questão cultural mesmo que tende a relaxar, eu, eu tenho como exemplo prático o que eu vivenciei fiscalizando o serviço de buggy turismo no período da copa, e quando nos pegamos a seleção do Japão aqui em Natal que obviamente a cidade cheia de japonês e quanto eles respeitam as regras né?! eu entregava um panfleto a eles, em inglês, eles entendiam obviamente, e, e eles desciam dos carros, liam o panfleto e checavam item a item, certo?! É, o turista Brasileiro não lê o panfleto, o turista Mexicano não lia o panfleto, certo?! O turista Argentino não lia o panfleto, o Uruguaio não lia o panfleto, o turista Americano lia o panfleto, certo?! Lia mesmo, parava e lia, mas fazia nada além de ler, e o turista Japonês descia do carro lia o panfleto, ele checava item a item o que tava no panfleto, porque no panfleto eu dizia, que o carro tinha que ser credenciado, o carro tinha que ter adesivos, é sinalização, o motorista tem que tá com crachá, certo?! E eles, e o turista japonês, ele verificava item a item

o que tava ali, certo?! Então é uma questão cultural nossa, como o turismo Internacional hoje é bem menor aqui no nosso Estado, a maioria é o turismo doméstico o Brasileiro pela ausência da educação tende a relaxar , aí o próprio motorista não oferece o serviço, ele já tá ali, ele já pagou pelo serviço ele quer é curtir, mas eu acho que é, é, todos subestimam os riscos, tanto o usuário quanto o profissional”.

## **ANEXOS**

IMAGEM 01: Formação teórica do treinamento de condução de veículo 4x4 para resgate em área de dunas.



Fonte: Arquivo do autor (2017).

IMAGEM 02: Formação teórica do treinamento de condução de veículo 4x4 para condução em área de dunas.



Fonte: Arquivo do autor (2017).